

“FESTIVELHAS”

O TEATRO DA TRANSFORMAÇÃO

PROJETO MANUELZÃO: UMA ESTRATÉGIA DE TRANSFORMAÇÃO DA MENTALIDADE SOCIAL

O Projeto Manuelzão tem por objetivo a transformação da mentalidade de sujeitos envolvidos na mobilização social visando a “volta do peixe” às bacias hidrográficas a partir da experiência do Rio das Velhas.

Apolo Heringer Lisboa, junho de 2010

A proposta acima enunciada nos acompanha desde 1990 em nosso documento mais antigo e foi reafirmada e ficando mais nítida desde 1997, no nascimento do Projeto e na sequencia. Com esta intenção tentamos materializar a idéia através dos FestiVelhas. Apenas parcialmente conseguimos. Agora precisamos de uma guinada para prosseguir em busca do nosso objetivo geral, o mais complexo, ainda não bem equacionado e tentar levá-lo adiante com um aprofundamento conceitual. Trata-se de um trabalho teórico que agora concluímos. Esperamos que seja bem recebido e avaliado criticamente por todos os interessados em pensar e repensar o Projeto Manuelzão.

A proposta do Projeto Manuelzão é composta de permanentes recomeços. Lembra o poema de Fernando Pessoa: **Certeza.**

De tudo ficaram três coisas...
A certeza de que estamos começando...
A certeza de que é preciso continuar...
A certeza de que poderemos ser interrompidos
antes de terminar...
Façamos da interrupção um caminho novo...
Da queda, um passo de dança...
Do medo, uma escada...
Do sonho, uma ponte...
Da procura, um encontro!

I

O Projeto Manuelzão adveio da necessidade de mudança de mentalidade, a partir de uma experiência focada na bacia do Rio das Velhas, Brasil.

A luta pela sobrevivência da espécie levou à luta de classes entre os seres humanos, gerando as bases conceituais tanto a economia quanto do pensamento. Criaram-se estados, políticas e atitudes que trazem a marca da história natural, com pequeno espaço para o desenvolvimento livre do imaginário de superação desta realidade.

Esta realidade teria que ser reciclada à luz de outro paradigma, para ceder lugar à hegemonia da segunda natureza humana que se revela no mundo cultural, produto da evolução da consciência, trazendo imaginários e estratégias mais universais. São exemplos desta evolução o respeito à diversidade cultural, à biodiversidade e à vida em ecossistemas.

Tínhamos em mente um conteúdo e uma estratégia para eixo da nossa mobilização: a questão da mentalidade e a volta do peixe ao rio.

Mas não se tratava de ser um projeto ambientalista ou cultural, separadamente, e rejeitando as questões sociais e temáticas de uma sociedade justa e democrática. Mas, de forma integrada: um projeto de transformação da mentalidade com foco nas águas das bacias hidrográficas, nos seus ecossistemas, articulando a mobilização social pela “volta do peixe” com uma mexida na cabeça política, acadêmica, filosófica, nos costumes e crenças.

As atividades transdisciplinares, transeitoriais e transinstitucionais pela “volta do peixe” mobilizam por objetivos específicos, permanecendo a transformação da mentalidade o nosso objetivo geral, a razão principal de nossa ação. A “volta do peixe” foi definida como nosso *objetivo operacional pontual comum*. Este processo de mobilização tem conseguido mexer com a nossa mentalidade de uma forma diferenciada.

A razão da escolha da base ambiental e cultural, para a nossa mobilização, foi a procura dum eixo favorável para romper com a predominância ou até exclusividade das ações políticas em torno de interesses sempre antropocêntricos. A questão é: como trazer uma ampliação da visão humana sobre o conflito entre o conjunto das formas de vida na Terra e a política exclusivista da espécie *Homo sapiens*. Assim, lançamos uma reflexão sobre a relação entre os direitos das outras espécies à vida. Como manter políticas de crescimento sustentáveis ao conjunto das espécies e a todas classes sociais?

A esta altura as atividades pela “volta do peixe” já estão devidamente conhecidas e reconhecidas. Criamos expedições, laboratórios, monitoramentos do rio, publicamos e mobilizamos e o peixe está num processo vitorioso de “volta ao rio”.

Quanto à transformação da mentalidade civilizatória vamos discutir aqui diversas iniciativas e resultados, a começar pela anterior proposição do FestiVelhas e agora do Teatro da Transformação.

II

O FestiVelhas deve ser revisto enquanto oportunidade de reconstrução permanente do Manuelzão, sua transformação cultural, através do Teatro da Transformação. Este teatro será criado a partir de idéias-força. São idéias e propostas surgidas no processo de construção do Projeto Manuelzão e que muitas vezes não percebemos com clareza e não sistematizamos. Faremos aqui este trabalho buscando expressá-las através de arquétipos, parábolas, fábulas, símbolos, como matriz conceitual e fonte de energia para nós, com conteúdos éticos e estéticos.

O público alvo desse teatro são pessoas interessadas em reverter o processo de estagnação ou de degradação da mentalidade humana, direcionando energia útil na realização de ações em prol de discutir e procurar transformar a mentalidade civilizatória e assim as nossas relações sociais de vida. Esta defnição é fundamental na produção artístico-cultural. Mas sugiro um caminho: priorizar o público amadurecido e mais preparado para assimilar nossas propostas de imediato e serem capazes de divulgá-las, aumentando o alcance de nossa ação. Somos poucos ainda para ir diretamente às grandes massas, a não ser que tivéssemos acesso à grande mídia, pois nos estafaremos:

precisamos criar grupos parceiros que queiram assumir conjuntamente este trabalho e nos ajudem a chegar ao conjunto da sociedade, nosso objetivo em perspectiva.

A definição de nossas idéias-força procurou sondar fundo o nosso terreno conceitual. Na escolha e criação artística das idéias-força com as quais vamos trabalhar se aplica aquele conceito de Einstein: *“Quanto maior for a simplicidade das suas premissas, quanto maior o número de coisas que ela relaciona e quanto maior for a amplitude da sua área de aplicação, maior será sua teoria”*. Esta definição de objetivos serve como um dos eixos estruturadores da produção cultural “científica” do Teatro da Transformação.

Temos um material para refletir sobre a produção de uma nova versão do FestiVelhas/Teatro da Transformação, a partir do aprendizado das edições anteriores em Morro da Garça (2005), Jequitibá (2007) e na Expedição de 2009.

A esse respeito, repito aqui o quase refrão: a experiência não é o que aconteceu com a gente, mas o que a gente faz com o que acontece com a gente. Tem a ver com o conceito de *praxis*. A demora na produção de uma autocrítica indica dificuldades, tanto de ordem conceitual quanto prática. Desde 2005 manifestamos nossa inquietação com a inadequação entre o que estávamos produzindo, apesar de sua boa qualidade, e o objetivo proposto.

A capacidade e agilidade de nos vermos no processo enquanto ele transcorre, e de estabelecer relações com nosso entorno, determina a qualidade de nossa evolução, tanto individualmente quanto como elemento de uma relação social, na qual temos diversas opções de vinculação.

A consciência de si difere da consciência em si. A percepção da consciência contraditória de si mesmo e dos próximos a nós, bem como do movimento externo a nós e que frequentemente nos escapa o sentido e o domínio, produz a dinâmica da vida social e a possibilidade de haver transformações. A realidade tem dinâmica própria e produz nossos raciocínios comuns, por isso nossos raciocínios precisam ser acompanhados de perto! Em nossos julgamentos devemos ter consciência de nossos envolvimento e podemos nos associar às conclusões de Hume abaixo relacionadas, usando minhas palavras.

A gente não quer uma coisa porque a reconhece boa, mas a gente a acha boa porque a quer. A moral é utilitária. É moral por que é bom para nós. O povo apoia os governos não por sua origem mas pelos benefícios que auferem. As amizades e as parcerias têm esta utilidade. David Hume, Inglaterra, 1711-1776. Coleção Os Pensadores, Abril Cultural, 1980. Volume Berkeley/Hume. HUME, capítulo introdutório, pgs.121-132.

Estas discussões devem ser incentivadas pelo Teatro da Transformação. A iniciativa da crítica deve ser estimulada a partir das lideranças das organizações. Agir para transformar o mundo de forma permanente e sem tréguas não seria muito pretensioso e até ingênuo de nossa parte? Mas como viver sem buscar a transformação? A nossa transformação e a transformação do mundo são indissociáveis. Assim, quem não busca transformar o mundo segundo a sua percepção, não devolve a ele o que sente, não vive, pois não se envolve metabolicamente com ele.

III

Nossos primeiros anos de Projeto Manuelzão estiveram dedicados inteiramente às atividades de ensino, pesquisa e mobilização pela recuperação hidro-ambiental da bacia do Rio das Velhas. Ou seja, ações pela volta do peixe. A mudança da mentalidade seria uma consequência desta ação, que criaria condições propícias para essa discussão. É verdade. Mas nos demos conta de que esta agenda deveria ser promovida e estimulada entre nós e junto à população. Deveríamos investir mais concretamente na promoção de encontros para o debate de idéias, cutucando a consciência, rompendo a inércia dos valores herdados.

O primeiro grande esforço neste sentido foi o FestiVelhas Manuelzão, realizado em Morro da Garça, em pleno Cerrado do nosso sertão, em novembro de 2005. Ao longo do processo de preparação e realização do FestiVelhas nos percebemos frágeis diante de um universo completamente novo, o universo artístico e cultural, com sua centralidade e sua transversalidade, sua indissociabilidade de todas as questões que o Projeto Manuelzão trabalha e defende. Este foi o grande mérito do primeiro FestiVelhas: colocar esta discussão na agenda de forma permanente, arrancando para novo patamar de ação com ampliação dos nossos horizontes.

Mas foi uma ação de grande porte, quase uma aventura, e nos deparamos com grandes dificuldades, como a lida com as questões organizativas, financeiras, gerenciais, logísticas. Uma parte expressiva dos próprios membros da estrutura permanente e administrativa do Projeto Manuelzão viram a oportunidade como espetáculo e lazer. Também permitimos que o competente empreendedor artístico, que nos deu suporte técnico, passasse a comandar conceitualmente a organização e transformar o FestiVelhas num maravilhoso *show* artístico, de grande complexidade, mas com custo além de nossos padrões e atravessando a noite. Os membros do Projeto que tinham uma visão dos objetivos depararam com as salas de reuniões esvaziadas pelas manhãs. Durante aquela semana especial, uma pequena cidade quase rural ficou por nossa conta, ela toda como um palco de convivência. Para muitos foi um misto de *shows* de alta qualidade. Fazer esta discussão internamente era difícil, nem tempo tínhamos. Destacamos a qualidade da participação dos membros dos Núcleos, da Coordenação, e os estagiários de comunicação da UFMG, estes dando cobertura do evento com profissionalismo e criatividade, como a edição de jornal diário.

Vendo hoje, após a realização de três gerações de FestiVelhas ficamos com a sensação de que tudo poderia ter sido diferente. Ainda não obtivemos um sucesso comparável como foi o da Expedição Manuelzão de 2003. Olhando a relação custo e benefícios em vista do que pretendíamos alcançar, os FestiVelhas ficaram devendo.

A questão da mudança de mentalidade é muito mais complexa que as ações e o objetivo de trazer de volta o peixe! Nós que protagonizamos a Meta 2010 podemos confirmar esta afirmação.

Na execução dos três FestiVelhas realizados até o momento, as deficiências maiores se concentraram em nossa falta de preparação conceitual acerca dessa proposta, tanto da parte dos membros da direção do Projeto Manuelzão quanto dos Núcleos, artistas e parceiros mais chegados, embora tenham sido cooperativos. Faltou capacidade conceitual da coordenação e também fôlego para criar as soluções estruturais, financeiras e políticas que promovessem a permanência e a convivência dos diversos

setores presentes ao FestiVelhas nos momentos de concentração. Houve excesso de oferta de opções nos mesmos espaços e horários, alheias a um enredo integrado, dispersando os presentes e deixando faltar tempo e condições para reuniões que entrosassem os participantes no debate dos conteúdos e troca de impressões.

A convivência, durante alguns dias, de pessoas com experiências diferentes, sempre foi nosso objetivo proporcionar nesses encontros. Os artistas ficaram plenamente satisfeitos com o cenário e os espetáculos, o público também, mas o Projeto Manuelzão não! Ou melhor, só parcialmente. Morro da Garça em 2005 foi apoteótico. Alguém comparou com uma nave espacial pousando na praça e exibindo maravilhas. Morro foi o cenário ideal, pois tranqüila nos afastou dos problemas urbanos e fez o FestiVelhas se destacar na sua tranqüilidade e ambiente hospitaleiro de suas ruas e comércio. Os artistas foram para os *shows* não para conviver entre si e conosco. Por questão de custos e falta de infra-estrutura vinham e voltavam, ainda que quisessem permanecer. O esquema de transporte montado foi extraordinário.

A integração completa entre o Projeto Manuelzão e o governo municipal foi ponto muito positivo. Mas predominou a proposta de grandes *shows* e festa com o palco fervilhando até a madrugada. Muitos de nossos quadros esperavam o café da manhã para irem dormir e curar-se da ressaca, para a noitada seguinte! Evidentemente não fomos capazes de realizar a nossa proposta. Mas só erra quem tenta fazer alguma coisa. Sigamos adiante.

Em Jequitibá, 2 anos depois, foi menos apoteótico, mas prevaleceu a lógica dos promotores de eventos culturais, de espetáculos para o grande público das festas de massa do interior e das regiões metropolitanas. Em Jequitibá, os melhores debates e reflexões, também tiveram participação reduzida e muita dispersão, pois não estavam no foco principal da “festa”. Mas não deixaram de existir e resistir ao senso comum hegemônico.

Nossa proposta do Teatro da Transformação pretende ser a resposta a estas dificuldades. Ela trará embutida toda uma série de atividades artísticas igualmente ricas, mas num desenho adequado ao nosso objetivo, dentro de um enredo, expressando a proposta.

Nas sessões do FestiVelhas que acompanharam a Expedição de 2009 a solução encontrada foi a duplicidade. De um lado ganhou espaço e forma o objetivo dos debates e reflexões, com peso maior na discussão de episódios conhecidos internacionalmente, projetados em telas, sobre mudança de atitudes individuais e divulgação da bandeira do planeta Terra e do hino Imagine. De outro, os eventos culturais com *shows* musicais, barracas expondo trabalhos das escolas, vendas de produtos artesanais, oficinas para crianças e outros espetáculos, muitos com artistas chamados de raiz, não sendo relevante aqui a discussão da qualidade dos eventos, mas do mérito da proposta, pois a boa qualidade de todos os eventos em todos os FestiVelhas é reconhecida.

Em nossa estratégia, a expectativa é ver no espelho d'água do Rio das Velhas a transformação da mentalidade desta sociedade. E projetar a arte e transformação para a bacia maior, da Terra, impulsionada com o objetivo da criação do Movimento Internacional dos Rios, convencidos que o Rio das Velhas nos deu régua e compasso.

O Teatro da Transformação irá levar a nossa mensagem ao mundo. Sua linguagem é internacional e arquetípica. A seguir a proposição do Teatro com as sugestões de idéias-força.

Apolo Heringer Lisboa Finalizado em 5 de Junho de 2010 com base em anotações desde 2005.

O TEATRO DA TRANSFORMAÇÃO

Desde a realização da Expedição e do FestiVelhas de 2009, eu me reuni com o ator Germán Milich, realizando várias reuniões para produção de uma nova versão do FestiVelhas, reformulando manifestações das edições anteriores em Morro da Garça (2005), Jequitibá (2007) e a versão itinerante da Expedição de 2009. Trata-se de uma reformulação conceitual, para viabilizar a realização de objetivo definido há tempos pelo Projeto Manuelzão. O Germán Milich como ator, e tendo vivido as experiências anteriores de Festivalhas, ajudando sobretudo a montar na Expedição 2009 os debates sobre mudanças de atitudes, percebe bem onde queremos chegar. Trata-se agora de apresentarmos e representarmos o Teatro da Transformação enquanto instrumento de transformação perante a sociedade. Esta parte prática é complexa e desafiadora, nada nos garante que o sucesso está garantido.

O FestiVelhas precisava ir além de um evento artístico integrando populações da bacia com suas tradições e desenvolvendo o sentimento de pertença. Teria que ser a oportunidade para o debate coletivo de nossa mentalidade. O nosso grito contra a nossa própria corrupção. A reflexão sobre a nossa matriz conceitual gerando energia para a reconstrução permanente do Manuelzão: sua revolução cultural. Precisa atingir seu público interno, realizando-se de forma interativa com a sociedade, na praça.

A Arte é uma linguagem planetária que queremos aprender a falar, para internacionalizar nosso ideário. Pretendemos discutir temas diversos. Mais associados ao conceito de mentalidade civilizatória. O Teatro da Transformação é a nossa busca, valorizando a arte de qualidade. Procuramos surpreender, às vezes chocar, ir fundo na crítica, sermos anjos que semeiam dúvidas, “atores bomba” questionando os fundamentos da humanidade.

O Teatro da Transformação é a nova fase da proposta de FestiVelhas. O Teatro da Transformação tem a pretensão de fazer as pessoas assumirem que o mundo se transforma a cada instante apesar de o homem “querer” detê-lo.

A proposta é reformular o formato do FestiVelhas para adequá-lo ao conteúdo pretendido. O FestiVelhas enquanto Teatro da Transformação será um espetáculo teatral com módulos que podem ser rápidos ou durar dias, dentro da qual estarão inseridos apresentações artísticas e debates como parte do enredo. Envolverá questionamentos “interrompendo” artisticamente palestras; teatro “interrompendo” teatro; discursos “interrompendo” e continuando teatro; música instrumental, música popular, danças ou operetas entrando em cena. Músicas mundiais integrando violino, cavaquinho, piano, trombone, guitarra, violão, cítara, harpa e cantos. Será uma descontinuidade em relação a idéia separada que se faz da cultura artística, como se de

um lado estivesse a arte e do outro a vida; como se a verdadeira arte não fosse um meio de compreender e de exercer a vida.

O principal objetivo é enriquecer e reproduzir o DNA do Manuelzão (analisar, descobrir, transformar) aportando energia e informação para que sua estrutura enfrente a Entropia e possa estimular o surgimento de outros projetos “filhos” sadios, por toda parte, realizando a nossa reprodução e transformação na boa heterogeneidade genética. E á nossa sobrevivência, nossa “eternidade”.

O público será de pessoas interessadas em reverter os processos de degradação, direcionando energia útil na realização de ações em prol de transformar a mentalidade civilizatória do mundo.

Nosso interesse é que este instrumento não seja produção apenas de uma equipe artística do Manuelzão, mas que outros grupos possam assumir livremente a proposta e a representem sem pagamento de direitos autorais, apenas citando a fonte: Projeto Manuelzão. Nossas propostas serão traduzidas para outras línguas e colocado no *site* www.manuelzao.ufmg.br

BREVES COMENTÁRIOS E SUGESTÕES PARA ENCENAÇÕES. MÓDULOS TEMÁTICOS A SEREM TRATADOS, BASEADOS NO CONCEITO DE IDÉIAS-FORÇA.

I) A BACIA HIDROGRÁFICA TERRA. O GLOBO TERRESTRE, A BANDEIRA E O HINO.

Começamos a pensar em adotar a bandeira e o hino do planeta Terra desde 2007, no FestiVelhas em Jequitibá. Com maior repercussão no I Seminário Internacional de Rios em 2008; depois na Expedição pelo Velhas em 2009. Dessa forma estamos estimulando visual e emocionalmente a ampliação de nosso imaginário territorial para compreender e agir na Terra, rompendo os limites herdados da atual divisão político-administrativa internacional nascida da política de dominação e conquistas, e não da coerência com os ecossistemas e a convivência das culturas. Até aqui predominou a história da demarcação territorial da guerra pela sobrevivência de cada um, de cada etnia, de cada nação, de cada país.

A bandeira que propomos é composta da fotografia ou desenho da Terra no espaço, de preferência com a Lua. A bandeira retangular, formato clássico, mas que poderia ser modificado, pois não é o essencial, pode ter o espaço em volta do globo terrestre colorido de azul, amarelo, vermelho conforme o gosto, o que simboliza mais o grupo que a utiliza. Ou aparecendo o fundo escuro e estrelado discreto da galáxia. O mastro da bandeira fica reservado para a representação das cores nacionais, dos países, dos clubes de futebol, das famílias, das tribos, das empresas, municípios etc.

II) CONSCIÊNCIA E CULTURA - INTRODUIZIR O PÚBLICO AO NÍVEL DA REFLEXÃO.

O animal pensante.

A espécie humana inaugurou na Terra um estágio evolutivo quando a consciência o introduziu na dimensão cultural. Este estágio começou a existir quando a natureza, através da espécie humana, tomou consciência crítica de si própria e do conjunto de que faz parte. É nesse dom que radica sua capacidade de ter dúvidas e fazer questionamentos sobre sua própria cultura, sobre suas atitudes e transformá-las. Sugestões para produções artísticas:

- a) Aurora da consciência na natureza: a consciência surge através da espécie humana e a natureza começa a enxergar e a questionar. Analogias: amanhecer, acordar, luz, nascimento.
- b) O escultor Rodin e a ambivalência da interpretação da sua arte mais conhecida. O homem defecando: homem natural. Ou o homem pensando: cultural. As posições da escultura são idênticas!
- c) A história da consciência. Noites e amanheceres da consciência na história. Religiões na Antiguidade e na Idade Média. Inquisição, massacres, ditaduras, guerras. Renascimento. A Revolução Francesa. A dúvida cartesiana. As civilizações.
- d) Projeto Manuelzão. Um momento no despertar em uma pequena região da Terra. A nossa experiência. A volta do peixe e o novo imaginário. Visão de mundo.

III) RIO: SÍMBOLO DA VIDA.

Missa Manuelzão. Missa deriva de enviar, dos que são enviados, dos missionários. Cultua o sagrado.

O Rio das Velhas nos inspira para a criação da Missa estilizada do Manuelzão. Recuperar a Missa enquanto criação artística como foi na história. Será totalmente laica e irreverente, independente de cânones eclesiais, mas solene e com rituais criados pela capacidade artística humana. Será uma cerimônia pelas graças recebidas. Agregaremos a contribuição melódica gregoriana e outras, como a sertaneja e a folclórica.

Sua história de rejeição pelos colonizadores europeus e sucessores, que poluíram e fizeram o Rio das Velhas sofrer no calvário e quase morte. A voz dos profetas pregando as boas novas de sua regeneração, simbolizados pelos caiaqueiros, Núcleos e coordenadores do Projeto Manuelzão. (Ver artigo “Águas separadas de Minas e o Projeto Manuelzão” da revista Radar Minas, autoria de Apolo Heringer Lisboa. Mariana, ano 1, nº 1, nov.dez.2009 www.revistaradarminas.com.br).

A perspectiva do milagre da multiplicação dos peixes acontecendo no médio e baixo rio, no contexto da ressurreição do rio, que quase morreu após agonia da crucificação. Milagre acontecendo pela nossa fé e pelas nossas obras, através da mobilização da sociedade.

A cerimônia da Eucaristia que começou com o ato solene de lançamento das cinzas de Lubomir Abadjieff, membro do Projeto Manuelzão, no Rio das Velhas. A cerimônia com cinzas e cachaça ingeridas à beira rio lembra a eucaristia e a antropofagia do Movimento Modernista de 1922, dos Andrades Mário e Osvald. Lubomir era originário da Bulgária e proprietário do Hotel Floresta Mágica, em Santa Luzia. Aprendemos que esta cerimônia da eucaristia seja com pão, lingüiça e cachaça, senão não pega. A cerimônia foi ao lado da ponte na cidade de Santa Luzia, durante a Expedição descendo o Rio das Velhas de 2009, no local onde ainda haveremos de voltar a nadar, cumprindo a promessa, perto do local onde a imagem cultuada de Santa Luzia foi encontrada.

Mais tópicos da Missa:

a) **O simbolismo dos peixes.** O Sermão de Santo Antonio aos Peixes, do Padre Vieira. VIEIRA, A. *Sermão de Santo Antonio aos Peixes*. 30pp. Porto Editora, Biblioteca Nacional Digital. Acesso pelo Google.

b) A relação do peixe (história natural) com a mentalidade (história cultural).

c) A Trindade do Manuelzão: Peixe (Vida); Território (Terra); Mentalidade (Civilização).

d) Calvário do rio – Poluição, degradação. Os que o condenam a morte. Os que lavam as mãos. Os que fingem defendê-lo (Amor falso - o poema do Manuelzão). Respondendo à pergunta da jornalista se tinha medo da morte, antes de uma cirurgia muito riscosa no estômago, quando tinha quase uns 80 anos, respondeu: “Não tenho medo da morte, porque sei que vou morrer um dia; tenho medo é do amor falso, que mata sem Deus querer”. Os vendilhões do templo. O perdão aos que não sabem o que fazem.

e) Significado da morte relativa, na ressurreição! Com a volta do fôlego! e da morte efetiva, só vencida na reprodução física ou da contribuição herdada pela sociedade ou registrada na literatura!

f) Ressurreição relativa através do milagre da multiplicação dos peixes, pela nossa Fé e Doutrina que mobilizam, e de nossas Obras. Meta 2010 e Meta 2014 (40%). Neste contexto agentes públicos foram decisivos ao ouvirem nosso clamor! Seus muitos

pecados serão perdoados no Juízo Final! Pelo menos no que diz respeito ao Rio das Velhas!

IV) ENTROPIA –

Inspirações: empíricas, filosóficas, teóricas.

Princípios da Termodinâmica

De acordo com o princípio da Conservação da Energia, a energia não pode ser criada nem destruída, mas somente transformada de uma categoria em outra. O primeiro princípio da Termodinâmica estabelece uma equivalência entre o trabalho e o calor trocados entre um sistema e seu meio exterior. A partir destas descobertas científicas formulamos alguns aspectos de nossa estratégia.

A termodinâmica é baseada em leis estabelecidas experimentalmente:

- A [Primeira Lei da Termodinâmica](#) fornece o aspecto quantitativo de processos de conversão de energia. É o princípio da conservação da energia e da conservação da massa: "A energia do Universo é constante".
- A [Segunda Lei da Termodinâmica](#) determina o aspecto qualitativo de processos em sistemas físicos, isto é, os processos ocorrem numa certa direção mas não podem ocorrer na direção oposta. Enunciada por [Clausius](#) da seguinte maneira: "A [entropia](#) do [Universo](#) tende a um máximo".
- A [Terceira Lei da Termodinâmica](#) estabelece um ponto de referência absoluto para a determinação da [entropia](#), representado pelo estado derradeiro de ordem molecular máxima e mínima energia. Enunciada como "A entropia de uma substância cristalina pura na temperatura zero absoluto é zero". É extremamente útil na análise termodinâmica das reações químicas, como a combustão, por exemplo.

Também Lavoisier, no século XVIII, enunciou a lei da conservação da massa: “na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”. Fundador da química moderna foi assassinado na guilhotina por atrocidades da Revolução Francesa.

Do ponto de vista macroscópico, a segunda lei da termodinâmica a “Lei de Entropia”, explica a tendência à degradação da energia e desorganização dos sistemas, formulada inicialmente por Kelvin e Clausius e depois reformulada inúmeras vezes. Pode ser entendida como uma lei de evolução, no sentido que define a seta do tempo, ela acontece de um ponto de partida e não é reversível a nível macro.

A quantidade de energia de um sistema total permanece constante desde sua criação, mas embora ele se desenvolva, a energia se dilui levando á expansão desorganizada. É possível, mas através de energia externa a um determinado sistema, reverter este processo provocando o que conhecemos como Entalpia, que é a energia necessária para que se produza uma reação.

V- Reprodução.

A reprodução é um exemplo de reenergização. Através de um novo DNA e fornecendo energia a vida se renova. A renovação, em pleno movimento, que queremos do Projeto Manuelzão, passa necessariamente por sua capacidade reprodutiva via cruzamento de informações, constituindo um novo DNA e recebendo incremento de energia de outros sistemas externos, como a aceitação da crítica e parcerias com novos movimentos. Há diversos sistemas de idéias e movimentos que podem abrir janelas para se alimentarem mutuamente. Esta possibilidade vem do caráter sistêmico do Universo. Embora as leis da termodinâmica, válidas no Universo conhecido, não possam ser mecanicamente aplicadas a outros níveis de realidade, elas têm validade universal e analogias com outras observações. A transdisciplinaridade é uma importante rede de janelas, as artes são outras janelas sistêmicas. A não acomodação através da ampliação permanente do imaginário e incorporação de novas energias e tecnologias à proposição são outras janelas.

VI) A PIRACEMA COMO RESPOSTA NATURAL.

A piracema é outro exemplo da entalpia revertendo a degradação energética vital de sub sistemas, no caso espécies de piracema, através de um incremento de energia. Para concretizar seu objetivo o peixe de piracema deve incorporar novas energias ou gastar as acumuladas, para superar muitos obstáculos, contrariando a corrente e subindo até as cabeceiras para desovar e perpetuar sua espécie. Nesse processo entrega sua vida. Vamos lutar contra a morte! Vamos reproduzir à montante e nossos filhos sobreviverão! Vamos subir às cabeceiras enfrentando as cachoeiras, os desafios, os homens!

Os peixes de piracema lutam contra a corrente. A correnteza da vazão natural dos rios é uma força muito forte e inexorável que leva ao mar salgado. Surubim, dourado, matrinchã, piaus, curimatás e outros reagem à morte da espécie no mar salgado, como os portugueses de Camões: “Ó mar salgado, quanto do teu sal são lágrimas de Portugal!”.

VI) OPÇÕES PERMANENTES DO PROJETO MANUELZÃO: INSTITUINTE OU INSTITUIDO. “SELVAGEM OU DOMESTICADO”? RESISTÊNCIA ÀS COOPTAÇÕES.

Estrategicamente, o Projeto Manuelzão foi idealizado, através dos objetivos específicos e geral, com envolvimento da sociedade e da Universidade. Buscamos espaços novos para integrá-lo à agenda da Universidade, das empresas, dos entes federativos e de outras forças sociais, sem perda de nossa identidade. As parcerias que viram no Projeto Manuelzão nada mais que um “selo de qualidade”, para legitimar suas ações, não prosperam.

A cerimônia das condecorações.

a) Somos condecorados! Estamos no poder? Frequentamos os palácios! Somos elogiados pela mídia! Querem nos enlatar? Será que conseguiremos manter a nossa Identidade? Tupi or not tupi? (Movimento Modernista de 1922). Isto tem a ver com o espírito do Teatro da Transformação que o Projeto Manuelzão quer construir. As solenidades das condecorações e seu duplo caráter. Reconhecimentos sinceros algumas vezes. Outras vezes não. Crítica da hipocrisia e das cooptações sociais comuns na história. Que tal a cerimônia das condecorações, das medalhas e das homenagens? A encenação perfeita da rejeição do seu aspecto de rendição e cooptação e do sincero agradecimento dos que nos reconhecem. Rejeitamos as condecorações que nascem do amor falso: morte com enterro de luxo?

VII) – METAMORFOSIS. A SIMBOLOGIA da CRISE

A crise natural do desenvolvimento. Nenhuma ofensiva consegue manter a mesma energia o tempo todo. As crises expõem as fragilidades do sistema ao crivo dos olhares e das críticas. São momentos que ensejam reflexões aprofundadas, se quisermos evoluir na compreensão dos fenômenos.

a) Exemplificada na transformação lagarta/casulo/borboleta. Crise! Sofrimento! Morte aparente e vida. A crisálida: estado intermediário por que passam os lepidópteros ao se transformarem de lagarta em borboleta. Parece “morte” sem morrer!

Para continuar, para sobreviver, o Projeto Manuelzão precisa negar-se e reafirmar-se logo em seguida através do processo da sua metamorfose. A metamorfose é a transformação, uma alternativa possível de renascer noutra forma e sobreviver. Não há como evitar o sofrimento da crise nem evitar a crise sem morrer por dentro. Podemos com ciência dirigir a crise, mas é coisa para poucos e nunca totalmente. A não ser

assumindo-se como instrumento consciente da crise. As transformações do Manuelzão têm muitas facetas, conteúdos e significados. Uma faceta é a sua mundialização, saltando do Velhas à bacia Terra. Assim, como em muitos outros processos, não tão bem estudados e espetaculares como a metamorfose, onde se transforma de lagarta para casulo, de casulo para borboleta que a seguir reproduz em escala exponencial mais lagartas e mais borboletas, assimilando combinações genéticas novas, na reprodução ampliada, o Projeto Manuelzão poder se redesenhar e acumular energias novas tornando-se imortal na história. A reprodução como possibilidade de continuidade modificada.

Já rastejamos pela da bacia do Velhas que nos deu regra e compasso, sentimos a opressão e o esgotamento de uma fase, do casulo territorial nos limitando, é hora de destruí-lo, voarmos e conviver na bacia do planeta Terra, ousando assumir papel de liderança.”Quem sabe faz a hora não espera acontecer”, cantamos com Vandré.

VIII- CRISES PROVOCADAS POR DESASTRES. HAITI E A LIÇÃO DA SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL DA VIDA NA TERRA.

O terremoto do Haiti produziu o agravamento de uma crise já profunda nesta região. O noticiário após o terremoto dava conta que o problema mais imediato para os sobreviventes foi encontrar água e em seguida alimentos e outros. O desabastecimento súbito de água e energia elétrica muda completamente a nossa vida, dependente da organização tecnológica.

Mas os rios do Haiti estavam todos poluídos e assoreados. Em vez de água e peixes para se alimentar o povo estava morrendo de sede e fome à beira dos seus rios. Em qualquer parte do mundo isto poderá se repetir após um terremoto, um furacão, uma guerra, um choque de meteorito, basta desorganizar o setor elétrico. A conservação de rios em condições de podermos abastecer diretamente dele e pescar, é questão fundamental de sustentabilidade estratégica e ambiental para todas as regiões hidrográficas da Terra, para toda a fauna e flora. Esta deve ser uma conclusão a ser compartilhada globalmente: a necessidade da sustentabilidade ambiental.

O Haiti mostra a importância da questão ambiental para a sobrevivência das populações, e o risco que temos com nossos rios mortos ou com a privatização da água. Mas mostra também a catástrofe herdada do colonialismo sob diversas bandeiras, por

conta das características da economia mundial. As plantações de cana de açúcar no sistema de monocultura extensiva destruíram a possibilidade de autonomia da população para sobreviver. Instalou-se a total dependência do exterior. O Haiti é um país sem escolas de qualidade e um povo excluído do acesso aos benefícios do desenvolvimento tecnológico, e sempre esteve convivendo com as mais ricas potências mundiais, que o desmatou e deteriorou ambiental e socialmente. Diga-se de passagem autoproclamados cristãos.

IX) PADRÃO ALIMENTAR – BIOCENTRISMO VS. ANTROPOCENTRISMO. RESPEITO AOS DIREITOS DOS ANIMAIS.

A alimentação é o modo pelo qual obtemos energia vital, quesito em que o Sol brilha mais, com a fotossíntese. Uma alimentação sustentável é fundamental. Observando e discutindo nossos hábitos alimentares e tudo o que isso envolve, poderemos evidenciar padrões de comportamento e discutir nosso consumo de energia em grande escala.

A desumanização do mundo num processo de nova humanização!

Uma parte dos seres humanos pode viver com menos. O consumismo perverte a relação dos seres humanos entre si e com a natureza. O conceito de “luta de classes” ficou pequeno para tudo reger, pois o egoísmo humano desconhece outros direitos e abusa da violência em suas relações com coisas e seres vivos. Com a emergência da questão ambiental e o destaque que alcançou na agenda política internacional, percebemos claramente que a luta de espécies é mais abrangente que a luta de classes. O ser humano, opressor de seus semelhantes e dos outros animais, ameaça a vida na Terra com suas tecnologias e modo de produção e consumo.

a) **Cenas do matadouro.** A escravidão e o assassinato sistemático dos animais é reflexo de uma mentalidade sem escrúpulos na hora de alcançar seus objetivos. Mostra a condição animal, seu sofrimento, seu confinamento, a negação dos seus direitos à vida e a morte com horror.

b) A questão do padrão alimentar e o duplo ciclo produtivo dos alimentos humanos. O desmatamento, consumo de água e energia, para alimentar animais para alimentar pessoas.

c) O custo dos alimentos cairia com a alimentação de base vegetariana. A possibilidade de alimentar a todos. A possibilidade de diminuição drástica do hábito de consumir

produtos de origem animal. Debate com grupos veganos, protetores dos animais, os grupos ovo-lacto-vegetarianos e os carnívoros assumidos.

X) PRODUÇÃO DE ENERGIA

Desmatamento de florestas nativas para supostamente produzir o combustível “verde”. Produção de álcool, madeira, carvão, óleo para biodiesel, capim e outros alimentos para animais dominados a partir de desmatamento de matas nativas. Duplo ciclo energético: alimentação de animais para alimentação de seres humanos. Produção de combustíveis para sistema de transporte focado em carros particulares. A prioridade não é o transporte coletivo. Barragens para hidroelétricas. Antes de pensar em construir as PCHs no Velhas ou por toda parte, uma irresponsabilidade ambiental, precisamos **definir a política energética**: construir o uso sustentável de energia; explorar energias alternativas eólica e solar; carvão vegetal sem novos desmatamentos; etc. Revitalizar pequenas e médias propriedades agrícolas descapitalizadas e com solos já desmatados ou degradados, integrando-os à produção de eucaliptos, cana e outros assim como fazem na produção do leite enviado á cooperativas das grandes usinas de laticínio. Incrementar a construção de novas hidroelétricas só para aumentar a oferta e enriquecer o setor privado que as constroem com dinheiro público e as exploram é inverter a ordem das coisas. Desperdício de energia na produção e no consumo. Consumismo.

FestiVelhas 2005 – Morro da Garça

Apolo Heringer Lisboa – avaliação preliminar e pessoal

Contribuição sumária a uma avaliação do FestiVelhas. O resultado final da avaliação do FestiVelhas deve ser discutida e formalmente aprovada pela coordenação geral do Projeto Manuelzão. Daqui em diante nossos eventos terão a marca do que fizemos e do que aprendemos no FestiVelhas. A idéia original foi a de promover atividades artísticas e reflexões ambientais e políticas, num ambiente que propiciasse o convívio entre o Manuelzão e artistas, visando impulsionar o objetivo maior do Projeto Manuelzão, que é promover a mudança de mentalidade civilizatória. Isto e algo mais.

- 1- Não houve neste FestiVelhas a devida preparação dos que trabalham e freqüentam mais diretamente as sedes do Projeto Manuelzão, nem dos artistas selecionados que não tinham informações sobre nós, nem dos Núcleos e outros setores, para:
 - 1) Comparecerem ao evento;
 - 2) Entenderem seu objetivo;
 - 3) Participarem com mais consciência e qualidade do evento, para além do show e do lazer.

- 2- Houve grande dispersão.
Os diversos eventos ao mesmo tempo, em lugares um pouquinho distantes, pulverizaram a convivência do que teria que ter sido o público principal. Os eventos de menor apelo publicitário foram esvaziados e eram fundamentais no conjunto de nossa proposta, como palestras, alguns vídeos, algumas experiências não foram priorizados quanto à divulgação, horário, participação e locais. Por exemplo, o circo, o palanque, em horários mais “competitivos”.
- 3- Sendo assim, não se garantiu, satisfatoriamente, a convivência, a discussão, a integração e interação entre os segmentos artistas, Manuelzão (dirigentes, funcionários, militantes voluntários, núcleos), ambientalistas e outras Ongs, professores, políticos com cargos e responsabilidades na Bacia do Velhas, empresários usuários de água, membros do CBH Velhas e Sub Comitês. Isto era prioritário. O formato do FestiVelhas deveria ter priorizado e se adaptado ao objetivo principal.
- 4- O vai e vem intenso de artistas e membros dos Núcleos Manuelzão, e outros, que se apresentavam e partiam, quase sempre no mesmo dia, não permitiu cumprir com o previsto na concepção do FestiVelhas. Não houve o tempo nem as condições do convívio. Poderíamos ter armados lonas e estimulado que levassem apetrechos para dormirem nos espaços preparados e armarem barracas. Esta linha de preparação foi desanimada, não se enfrentou este desafio logístico, o que prejudicou o conteúdo da proposta.
- 5- Fatos e curiosidades. Os banheiros químicos foram em número suficiente para um evento maior, mas por que se pensava num público flutuante regional, que não era nossa prioridade, e que não compareceu, felizmente. Eles deveriam ter sido pensado para nosso público. Para explicar a ausência desse público regional não prioritário para nós, houve a tendência de atribuir o “esvaziamento” à chuva. Na minha opinião a chuva só colaborou: amenizou o calor e afastou os “invasores”. A comparação com a Festa da Lavoura foi um fantasma o tempo todo e só desapareceu com o belo espetáculo final do grupo Balcão, graças a Nossa Senhora e o Diabo.
- 6- O Projeto Manuelzão demonstrou ser novato nesta área e não conseguiu fazer acontecer o previsto na concepção original do Festivalhas. Deixou-se levar por diversas circunstâncias justificando diante destas (fatores condicionantes) as inflexões quanto à estratégia e definições básicas da concepção do Festivalhas (fatores determinantes).
- 7- As articulações políticas com os diversos segmentos das diversas regiões da bacia, para produzir o efeito desejado no FestiVelhas, não foram suficientemente desenvolvidas. Limitou-se à área artística. A região de Três Marias nada entendeu da proposta, outras regiões estiveram pouco representadas, e ausentes.
- 8- O encontro dos Núcleos Manuelzão deveria ter tido participação mais significativa e seus membros deveriam ter permanecidos todo o tempo em Morro da Garça, enquanto condição da própria realização do FestiVelhas. Foi visto apenas como um produto de nossos convênios. As condições limitadas da

hospedagem tradicional em hotéis e pensões, já eram previstas desde o início e foram aceitas. Faltou foi ter criado as alternativas de lonas e barracas numa concepção mais arrojada para suprir o nosso objetivo.

- 9- A relação custo-benefício poderia ter sido melhor em função das questões aqui levantadas e produzido maior impacto positivo na vida do Projeto Manuelzão.
- 10- Os pontos positivos do FestiVelhas foram muitos e amplamente reconhecidos. Agradecemos aos organizadores do Projeto Manuelzão, aos patrocinadores e parceiros, e, sobretudo, a prefeitura de Morro da Garça e a Cria Cultura.